

ENTREVISTA COM TIZIANA TERRANOVA

Depois da Internet, o futuro do Comum

Reprodução do capital e as lutas sociais
na era das plataformas

Después de Internet, el futuro de lo Común

Reproducción del capital y luchas sociales
en la era de las plataformas

After the Internet, the future of the Common

The reproduction of capital and social struggles
in the era of platforms

DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2025.20.1.4035>

► PORMARIANO FERNÁNDEZ

marianofc81@gmail.com - La Plata - Universidad Nacional de La Plata, Argentina.

ORCID DEL ENTREVISTADOR: <https://orcid.org/0000-0001-7025-5955>

► POR ALINE DALMOLIN

aline.dalmolin@ufsm.br - Santa Maria - Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

ORCID DE LA ENTREVISTADORA: <http://orcid.org/0000-0003-4413-0061>

CÓMO CITAR: Fernández, M. & Dalmolin, A. (2025). Entrevista com Tiziana Terranova. Depois da Internet, o futuro do Comum. Reprodução do capital e as lutas sociais na era das plataformas. *In Mediaciones de la Comunicación*, 20(1). DOI: <https://doi.org/10.18861/ic.2025.20.1.4035>

Tiziana Terranova é pesquisadora e professora na Università di Napoli L'Orientale (Itália). Graduada pela Faculdade de Línguas Estrangeiras e Literaturas do Departamento de Estudos Americanos, Culturais e Linguísticos dessa universidade, continuou sua formação na University of Essex (Reino Unido), onde obteve seu Mestrado em Comunicação e Tecnologia. Desde então, interessou-se pelos movimentos *cyberpunks* e, em meados da década de 1990, apresentou sua tese de doutorado intitulada “*The intertextual presence of cyberpunk in cultural and subcultural accounts of science and technology*” na University of London (Inglaterra). Terranova tem transitado entre o mundo acadêmico e o ativismo político na e sobre a Internet, vinculando-se às correntes pós-marxistas e pós-operárias que tiveram Toni Negri como referência essencial.

Atualmente, é professora e pesquisadora em cultura, meios de comunicação digitais e política na Università di Napoli L'Orientale, além de membro da rede universitária livre Euronomade e da Cooperativa Robin Hood Minor Asset Management. Seu livro mais conhecido é “*Network Culture. Politics for the Information Age*” (Terranova, 2004), possui a obra *Cultura de la red. Información, política y trabajo libre* (Terranova, 2022a) como a única até o momento traduzida ao espanhol e ainda não possui nenhuma traduzida para a língua portuguesa.

Em diálogo com *InMediaciones de la Comunicación*, Terranova reflete sobre sua trajetória acadêmica, o ativismo político e as transformações que marcaram o desenvolvimento da Internet e da sociedade contemporânea. Além disso, ela apresenta uma “aspiração utópica”: criar uma economia ecológica baseada em valores existenciais que promovam o uso do capital para reinvestir no Comum. Como complemento à entrevista, na seção Miscelâneas deste número, publica-se –em espanhol e em português– a introdução de seu último livro, *After the Internet. Digital Networks between Capital and the Common*, em que Terranova (2022b) apresenta sua tese sobre a subsunção da Internet pelo que denomina o Complexo Corporativo de Plataformas. *After the Internet* faz parte da coleção Intervenções da editora norte-americana Semiotext(e). Agradecemos especialmente à autora e ao editor Hedi El Kholtili pela possibilidade de compartilhar a tradução do texto introdutório com os leitores de nossa revista.

MARIANO FERNÁNDEZ (M.F.) & ALINE DALMOLIN (A.D.): Para começar, gostaríamos de pedir que você faça uma reflexão sobre sua dupla condição de pesquisadora acadêmica e ativista política, e como essas duas facetas se relacionam tanto no livro *After the Internet* quanto no desenvolvimento de sua produção intelectual.

TIZIANA TERRANOVA (T.T.): Meu interesse pela comunicação mediada por computadores, como se dizia no final da década de 1990,

surgiu a partir do meu ativismo político. Naquela época, eu participava do movimento estudantil italiano contra as reformas neoliberais na Università di Napoli L'Orientale. Naquele contexto, existiam centros de pesquisa –como o Centro Sociale Leoncavallo– que traduziam teoria e ficção *cyberpunk*, e nós nos comunicávamos por meio do Bulletin Board System (BBS). Era uma época muito inicial do desenvolvimento da Internet, cheia de entusiasmo. Nesse contexto, consegui integrar-me a uma *mailing list* em que as pessoas discutiam as implicações políticas do uso dos computadores como ferramentas de comunicação. Esse espaço, predominantemente europeu, estava vinculado aos movimentos *squatters* e *anar-copunks*, em contraste com os Estados Unidos, onde essa discussão estava mais associada à contracultura *hippie*, *hacker* e *cyberpunk*.

Retrospectivamente, acredito que meu interesse estava naquele ponto em que podíamos enxergar os computadores tanto como ferramentas de comunicação quanto como objetos de implicações políticas. Eu era formada em Literatura, e minha porta de entrada nessas investigações foi a ficção científica *cyberpunk*. Foi então que iniciei meu doutorado na Universidade de Londres em mídia e comunicação e comecei a me distanciar da literatura à medida que descobria todo aquele mundo online emergente, onde as pessoas utilizavam o *cyberpunk* como algo relacionado a uma cultura digital alternativa: existiam grupos de divulgação de notícias, comunidades alternativas, e tudo isso mudou rapidamente com o desenvolvimento da Internet (chamado então de Internet 2.0).

Nos primeiros anos do novo milênio, quando eu era uma jovem acadêmica, retornei à Itália e me envolvi em redes universitárias. Um dos grandes nomes era Toni Negri, que havia publicado recentemente o livro *Império* junto com Michael Hardt (Negri & Hardt, 2000). Nessa rede, conviveram gerações antigas



e novas que retomavam a tradição do autonomismo marxista¹. Durante essa segunda fase do meu ativismo político, organizei conferências e seminários sobre a crítica pós-marxista à financeirização do capitalismo e ao trabalho imaterial, em um contexto marcado pela mistura de tradições tanto do norte quanto do sul da Europa.

M.F. & A.D.: Qual é sua opinião sobre as relações entre ativismo e reflexão acadêmica à luz do que Negri e seus colegas trataram esse cruzamento nos anos 1990, mas pensado agora, no contexto do chamado Complexo Corporativo de Plataformas (CPC, na sigla em inglês)?

T.T.: Acredito que os debates, especialmente após a crise de 2008, se concentraram na financeirização, enquanto a pesquisa militante atual foca mais no mundo do trabalho e nas plataformas de trabalho, o que representa uma grande transformação que abrange influenciadores digitais, *crowdsourcing* e logística. Pelo menos na Itália, a reflexão do ativismo acadêmico vinculado ao marxismo sempre esteve centrada no mundo do trabalho. Contudo, é verdade que no âmbito do CPC a grande transformação está em sua dimensão econômica (extrativismo). Entretanto, há outros aspectos com os quais o marxismo se sente menos confortável: refiro-me especificamente ao que chamo de política do social oposicional – raça, gênero, sexualidade, etnicidade, colonialismo – dimensões da vida social que explodiram nos últimos dez anos. Isso coincide com o surgimento online das massas. Há bilhões de pessoas conectadas, o que traz à tona todos os tipos de conflitos sociais e hierarquias na vida online, incluindo a questão de classe. Além disso, surgem críticas ao conceito marxista de “trabalho” por teóricos críticos da raça. Essas questões desafiam o tipo de análise que fazíamos na primeira década dos anos 2000, o que considero algo positivo.

M.F. & A.D.: Na introdução de seu livro *After the Internet*, você apresenta uma tese sobre a “subsunção da Internet pelo Complexo Corporativo de Plataformas” e, nesse contexto, retoma Raymond Williams para afirmar que a Internet se tornou uma “tecnologia residual”. Poderia desenvolver essa ideia?

T.T.: Bem, quando comecei a estudar redes digitais, era muito claro que a Internet era um conjunto de protocolos, uma infraestrutura material, redes de nós distribuídos para enviar mensagens, uma estrutura descentralizada, a web. Em síntese: a Internet era um fenômeno inteligível, reconhecível. Mas depois, esse conjunto de protocolos passou a operar em segundo plano e deixou de ser algo que

¹ Os autonomistas marxistas, aos quais Terranova se refere, criticam a economia política marxista, especialmente no que diz respeito à forma como esta desenvolve o conceito de trabalho. Negri, Hardt, Lazzarato e seus seguidores definem o trabalho imaterial em termos de seus produtos e não por seu papel social e técnico no processo de produção capitalista, diferenciando-se, assim, da perspectiva de Marx. De certo modo, os autonomistas revisitam a tradição da economia política marxista à luz do contexto de financeirização e digitalização do capital vividos hoje, desenvolvendo reflexões sobre as lógicas autônomas de produção e trabalho.

as pessoas reconhecem em seu uso cotidiano ou com o qual se relacionam. Não usamos a Internet. Usamos WhatsApp, Facebook, TikTok, de modo que o uso da Internet, na verdade, se identifica com o uso dessas plataformas. E os *smartphones* logicamente usam a Internet, porque, de outro modo, cada dispositivo permaneceria isolado. Claramente há uma padronização em curso, mas, ao mesmo tempo, algo diferente está acontecendo: a *cloud computing*. Parece que cada dispositivo se comunica com outro, mas, na realidade, eles passam por algum servidor.

Nesse contexto, o interessante é que, em relação à Internet e à sua crítica, costumam ser levantadas duas questões: ou se diz “voltemos à Internet”, em sua forma original, embora se saiba que não era uma tecnologia popular e seu uso não era simples; ou existe uma reação violenta contra as plataformas, que também provém de ambientes políticos reacionários, como os neo reacionários nos Estados Unidos, que criticam as plataformas, a hegemonia liberal, o progressismo, o politicamente correto, e clamam por um redesenho da Internet. Em termos gerais, essa subsunção da Internet pelos CPCs coloca um problema de difícil solução, mas que precisa ser enfrentado.

M.F. & A.D.: Em relação à governança das plataformas, quais são suas considerações sobre os abusos cometidos por elas em relação aos sujeitos, a estetização dos valores, a maneira como moldam ou remodelam o ponto de vista dos atores sociais e a redução da esfera pública em função de dicotomias datificadas? As pessoas estão cada vez mais pensando em lógicas polarizadas.

T.T.: Esta é uma questão muito difícil, que logicamente possui muitas dimensões. De um lado, encontra-se a performatividade estética promovida nas e pelas plataformas; e de outro, a chamada polarização. Entendo a relação entre as duas, mas acredito que são questões diferentes. Sobre a polarização, há várias hipóteses circulando. Frequentemente lemos a ideia de que a polarização seria uma estratégia das próprias plataformas, uma vez que isso lhes traz valor, pois aumentaria as interações, gerando mais tráfego e engajamento. Acho que isso pode ser verdade –as controvérsias criam engajamento–, mas não acredito que seja o interesse direto dos proprietários das plataformas. Em vez disso, trata-se de pessoas que administram páginas e contas dentro das plataformas e que monetizam essas interações. Ao mesmo tempo, as plataformas não podem suportar serem colocadas no centro das críticas como responsáveis pela incitação a comportamentos polarizantes. Quando isso acontece, os donos das plataformas –como ocorreu com Mark Zuckerberg, diretor do Facebook, ou Pavel Durov, dono do Telegram– sofrem enorme pressão para manter os ambientes das plataformas controlados, capazes de abolir o extremismo e a polarização. Portanto, não é possível reduzir esse problema apenas à lógica econômica que alimenta as plataformas. Acredito que existe uma dinâmica genuína em funcionamento: todo tipo de tema circula online, há uma explosão de materiais

produzidos por diversas minorias, e isso gera uma produção massiva de influências que expandem as possibilidades históricas de contestar estruturas opressoras. Por exemplo, tivemos movimentos como *Me Too*, *Ni Una Menos* e *Black Lives Matter*. Isso é apenas a ponta do iceberg, porque há inúmeras outras lutas contra opressões baseadas em classe, gênero e sexualidade. E, ao mesmo tempo, surgem movimentos reacionários como resposta.

Esse é o argumento do livro de um colega, Jack Bratich (2022), *On Microfascism: Gender, War, and Death*. Uma grande parte do livro analisa o movimento *incel* (abreviação de “celibato involuntário”), a misoginia organizada online, e mostra que o que muitas vezes é apresentado como polarização é, na realidade, um movimento de reação contra aqueles que lutam contra as estruturas de desigualdade. Assim, tivemos o *Black Lives Matter* e, em oposição, surgiu o *White Lives Matter*, um movimento supremacista branco reafirmando a masculinidade. Quando as pessoas falam de “polarização”, temo que, no fundo, estejam supondo que seria possível uma convivência pacífica online, o que não ocorre. É uma resposta simplista afirmar que as plataformas criam a polarização.

M.F. & A.D.: Nos parece que uma das consequências lógicas dos Complexos Corporativos de Plataformas (CPC) é a de que as corporações não consistem apenas em atores econômicos centrais desta fase do capitalismo, mas também em agentes políticos globais. Além disso, os próprios CEOs das grandes corporações desenvolvem ou alimentam um imaginário sociopolítico em torno de sua missão e sobre o que as plataformas devem ser e fazer nesse contexto. Quais são suas considerações sobre esses imaginários políticos?

T.T.: Esse é um tema que venho refletindo muito ultimamente e que integra um livro que estou para publicar. Por um lado, temos pesquisadores foucaultianos que afirmam que as plataformas estão implementando um novo tipo de governamentalidade neoliberal. Durante muito tempo, eu mesma pensei nessa linha, relacionada à regulação algorítmica da vida social: transformar cada usuário em um agente econômico, em um empreendedor, vendendo e monetizando sua imagem. Contudo, comecei a pensar de outra maneira. Cheguei a uma conclusão provisória: não estamos lidando com uma nova versão do neoliberalismo, mas com algo diferente, que podemos chamar de tecno liberalismo.

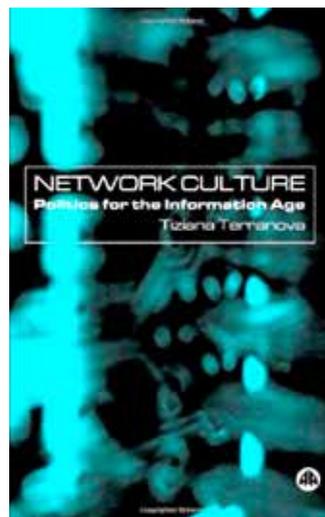
Não é, estritamente falando, um novo neoliberalismo, pois combina elementos neoliberais (ainda se trata de competição, individualismo, empreendedorismo), mas também tem uma conexão com o liberalismo. É por isso que os movimentos reacionários criticam muitas plataformas, considerando-as liberais. O termo tecno liberalismo foi utilizado por antropólogos que estudaram as primeiras corporações que trabalharam com participação social online. Essas empresas projetavam a ideia de que a tecnologia poderia transformar o mundo em um lugar melhor. Esse discurso pode ser encontrado na maioria dos CEOs das grandes corporações. Eles promovem a ideia de que têm uma grande missão social:

tornar o mundo mais aberto e conectado, possibilitando que as pessoas encontrem a informação de que precisam. Essa conexão com o liberalismo é muito importante. No entanto, ao contrário de uma ideologia, considero que, para os tecnoliberais, isso funciona como uma racionalidade política. Refiro-me a uma racionalidade no sentido de que tentam compreender como regular, gerenciar e governar esse enorme complexo ecológico que são as plataformas, onde bilhões de pessoas produzem uma quantidade massiva de conteúdo.

Neste contexto, acredito que seja necessário desenvolver um sistema, uma racionalidade para fazer isso. Penso que esse é um fenômeno muito interessante. Portanto, temos uma forma de governo tecnoliberal que essas corporações desenvolveram. Algumas pessoas argumentam que isso não é liberalismo, mas o liberalismo sempre esteve historicamente ligado a essa questão. Se considerarmos a noção de segurança no sentido de Foucault, o liberalismo trata de minimizar os mecanismos de controle; não se trata de regimes autoritários com controle total da informação. No âmbito do tecnoliberalismo, as pessoas precisam ser livres para se comunicar, sem censura, mas dentro de certos limites. Por exemplo, as plataformas podem suspender contas que violem normas de convivência.

M.F. & A.D.: Em seu livro *After the Internet*, há um capítulo intitulado “A Neomonadology of Social (Memory) Production”, escrito em 2016, onde você reflete sobre a experiência social e coletiva compartilhada online. Você toma como exemplo o funeral de um músico napolitano popular, Pino Daniele, e usa o conceito de monadologia de Leibniz. Considera que essa noção e os fenômenos descritos podem ser úteis para entender outro evento global compartilhado, como a pandemia, que também gerou experiências que poderiam ser caracterizadas como “monádicas”?

T.T.: Sim, ainda acredito que a arquitetura midiática daquela época permanece estável. No caso do funeral de Pino Daniele, o que me motivou foi tentar pensar sobre essa nova subjetividade tecnologicamente projetada, que já havia substituído a Internet. Como mencionei antes, a arquitetura da Internet era relativamente simples: cada um de nós era um nó em uma rede, enviando e recebendo mensagens. Mas, com os *smartphones*, surgiu uma nova camada, diferente da das *notebooks*. Os *smartphones* me fizeram pensar no uso que Deleuze fez do conceito de mônada, usando como exemplo o carro como uma mônada. Adaptei essa ideia para refletir sobre os tipos de vínculos e subjetividades gerados pelos *smartphones* e pela experiência do mundo encapsulado em uma tela. No entanto, percebi que essa explicação era insuficiente. Então, retornei a Leibniz para pensar nas tensões e paradoxos dessas arquiteturas.



Terranova, T. (2004). *Network Culture. Politics for the Information Age*. London: Pluto Press.

Por um lado, cada um de nós é uma mônada, um ponto de vista do todo: vemos o mundo inteiro, mas de nossa perspectiva. Por outro lado, há a ideia de “curva infinita do mundo” em Leibniz, que fala sobre nosso movimento nessa curvatura –hoje representada pelo universo digital– e sobre as diferenças entre o ponto de vista singular e a composição infinitesimal do mundo, agora matematizado. Assim, para mim, a noção de mônada serviu para desconstruir a visão simplista do sujeito como usuário e examinar as relações complexas entre a percepção do mundo, o próprio mundo e o mundo datificado. Acredito que essas categorias, incluindo a de economia ecológica, ainda são úteis para compreender a arquitetura contemporânea.

M.F. & A.D.: Nesse mesmo capítulo, você expõe uma tensão aparentemente irresolúvel entre a produção social da memória como um evento coletivo que pertence ao domínio do comum (o evento compartilhado, o sentimento de solidariedade, a reflexão coletiva durante aquele funeral popular) e a geração da memória como “uma força de produção econômica”, já que a infraestrutura desse mundo comum são as próprias plataformas.

T.T.: Sim, porque essa mesma produção social e comunitária de memória gera valor para as plataformas. Quando escrevi esse texto, eu estava obcecada com o livro de Maurizio Lazzarato (2002) sobre a economia psicológica de Gabriel Tarde² e sobre esse fenômeno no qual a cooperação social produz valor: valores estéticos, valores éticos, valores existenciais; todo tipo de valores. Depois, as plataformas transformam esses valores em valores econômicos e financeiros, monetizando-os. Há ainda uma nova camada. Pensemos na Inteligência Artificial (IA). Todas essas imagens que circulam nos processos coletivos acabam se tornando matéria-prima para treinar as IA. Como tal, elas se transformam em um serviço que as pessoas podem usar para criar outras imagens. Então, minha aspiração utópica é pensar em como seria uma economia capaz de monetizar esses valores existenciais, estéticos e éticos (valores de uso na tradição marxista) e transformá-los em poder –que é dinheiro– para criar capital. Mas não o capital voltado para o intercâmbio mercantil, e sim para reinvestir no Comum (serviços de saúde, educação pública, etc.).

Essa é minha aspiração utópica. É por isso que, durante o período em que escrevia esse artigo, conectei-me com grupos que trabalhavam com *blockchain* e redes de criptomoedas. Claro, sabemos que esse mundo é complicado. Meu amigo Bifo Berardi diz que não deveríamos querer ter nada a ver com o dinheiro, que o dinheiro é o diabo. Mas, apesar disso, acredito que, embora o movimento das criptomoedas tenha seguido uma direção estranha, havia nele, originalmente, uma aspiração de imaginar outra forma de capital.

² O título original do livro de Lazzarato é: *Puissances de l'invention. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. O livro conta com tradução para o espanhol: *Potencias de la invención. La psicología económica de Gabriel Tarde contra la economía política* (2018, Editorial Cactus), mas ainda não possui tradução disponível para o português.

M.F. & A.D.: É muito interessante essa ideia de uma concepção utópica, porque podemos nos perguntar se a Internet poderia ter se desenvolvido de outra forma, mas também podemos questionar, com razão, se ela pode efetivamente ser diferente. O que você pensa sobre isso? Existem possibilidades de transformação política da Internet?

T.T.: Bem, é muito difícil imaginar isso no momento, porque essa relação entre processos de afirmação e libertação e os movimentos reacionários é difícil de conter. Pensemos na Amazon. É uma forma de reação. Muitas pessoas tentam se organizar pela Internet para construir algum tipo de liberdade, algo que lhes permita viver de forma autônoma, mas algo como a Amazon representa uma imposição tirânica das formas de produção tayloristas no mercado de trabalho, e isso está acontecendo em todos os lugares. Acredito que o potencial –pelo menos o potencial de imaginar uma alternativa– reside nessa tensão, mas como isso poderia se tornar realidade é muito difícil de imaginar porque o século XX nos deixou um legado complicado, entre outras razões. A ideia de que seria necessário um sujeito político, como a classe trabalhadora, para promover essa transformação baseava-se no pressuposto da subsunção das diferenças dentro dessa categoria mais ampla (“o trabalhador”, “o trabalho”), e isso não funciona mais assim. Hoje, os sujeitos políticos se articulam a partir de outras valências (“gênero”, “etnia”, entre outras).

REFERÊNCIAS

- Bratich, J. Z. (2022). *On Microfascism: Gender, war, and death*. New York: Common Notions.
- Lazzarato, M. (2002). *Puissances de l'invention. La psychologie économique de Gabriel Tarde contre l'économie politique*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond.
- Negri, T. & Hardt, M. (2000). *Empire*. Cambridge: Harvard University Press.
- Terranova, T. (2004). *Network Culture. Politics for the Information Age*. London: Pluto Press.
- Terranova, T. (2022a). *Cultura de la red Información, política y trabajo libre*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón.
- Terranova, T. (2022b). *After the Internet. Digital Networks between Capital and the Common*. Los Angeles: Semiotext(e).

Nota: O Comitê Editorial da revista aprovou a publicação da entrevista.



Artículo publicado en acceso abierto bajo la Licencia Creative Commons - Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

IDENTIFICAÇÃO DA ENTREVISTADA

Tiziana Terranova. Doutora em Mídia e Comunicação pelo Goldsmiths' College, University of London (Inglaterra). Mestre em Comunicação e Tecnologia pela University Brunel (Reino Unido). Graduação na Faculdade de Línguas Estrangeiras e Literaturas, do Departamento de Estudos Americanos, Culturais e Linguísticos, da Università di Napoli L'Orientale (Italia). Professora de Estudos Culturais e Meios Digitais junto ao Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Università di Napoli L'Orientale. Autora de *Network Culture: Politics for the Information Age* (2004, Pluto Press), *After the Internet: Digital Networks between Capital and the Common* (2022, Semiotexte/MIT Press) e também da obra no prelo *Network Social: on the Return of the Social in the Post-Digital age* (Minnesota University Press). Membro dos conselhos editoriais das revistas *Theory, Culture and Society* (Sage), *Media Theory* (<https://mediatheoryjournal.org/>), *Subjectivity* (Palgrave) y *Studi Culturali* (Il Mulino). Membro do Centro de Estudos Pós-coloniais y de Gênero, da Università di Napoli L'Orientale. Co-fundadora do Centro di Ricerca Interuniversitario sulle Tecnoculture Transnazionali (Italia) e do Critical Computation Bureau (<https://recursivecolonialism.com/critical-bureau/>). Seus interesses de investigação se concentram na intersecção entre ciência, tecnologia, comunicação e cultura desde a perspectiva da teoria crítica e dos estudos culturais.

ORCID DA ENTREVISTADA: <https://orcid.org/0000-0002-2729-3611>